



**HAL**  
open science

## Um periódico transnacional: a Revista Nacional e Estrangeira (1839-1845), a literatura e a crítica do século XIX

Ana Laura Donegá

► **To cite this version:**

Ana Laura Donegá. Um periódico transnacional: a Revista Nacional e Estrangeira (1839-1845), a literatura e a crítica do século XIX. Revista Olho d'água, 2014, Varia - dossiê crítica literária, 5 (2), pp.121-136. hal-01490823

**HAL Id: hal-01490823**

**<https://hal.science/hal-01490823>**

Submitted on 16 Mar 2017

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

# UM PERIÓDICO TRANSNACIONAL: A *REVISTA NACIONAL E ESTRANGEIRA* (1839-1845), A LITERATURA E A CRÍTICA DO SÉCULO XIX

Ana Laura Donegá\*

## Resumo

No início de 1839, “uma sociedade de literatos brasileiros” se reuniu para criar um novo periódico, engajado em fornecer à sociedade carioca material de qualidade, principalmente sobre assuntos políticos, econômicos e literários. Foi assim que surgiu a *Revista Nacional e Estrangeira*, uma compilação de textos de origem internacional, selecionados de publicações importadas, sobretudo, da Inglaterra e da França. Este artigo tem o objetivo de analisar duas críticas literárias difundidas nas páginas do referido periódico: “Juízo da Revista de Edimburgo sobre a litteratura franceza contemporanea”, inicialmente veiculado pela *Edinburgh Review*, e “D. Sebastião: o encoberto, romance-poema, publicado em Lisboa no anno de 1839”, de um autor anônimo. A fim de averiguar os procedimentos metodológicos empregados pelos dois críticos, investigarei os critérios utilizados por eles para emitir seus pareceres e os argumentos de que lançaram mão para fundamentá-los. Tenciono ainda estabelecer paralelos entre a crítica inglesa e a brasileira para compreender em que medida as duas análises se aproximaram e se distanciaram.

## Palavras-chave

Crítica Literária; Imprensa Periódica; Procedimentos metodológicos; *Revista Nacional e Estrangeira*; Revista.

## Abstract

At the beginning of 1839, “a Brazilian society of men of literature” gathered to create a new journal, aiming at delivering high quality content to the society of Rio de Janeiro, especially on political, economic and literary topics. They gave birth to *Revista Nacional e Estrangeira*, a compilation of international texts, selected from imported publications, mostly from England and France. The objective of this article is to analyze two literary reviews published on the pages of the journal: “Juízo da Revista de Edimburgo sobre a litteratura franceza contemporanea”, originally conveyed by the *Edinburgh Review*, and “D. Sebastião: o encoberto” romance-poema, publicado em Lisboa no anno de 1839”, from an unknown author. In order to evaluate the methodologies employed by the two critics, I will investigate the criteria used by them to issue their opinions as well as the related founding arguments. Furthermore, I will draw the correlations between the English and Brazilian reviews in order to understand to what extent the two analyses converge and diverge.

## Keywords

Journal; Literary Criticism; Methodologies; Press; *Revista Nacional e Estrangeira*.

---

\* Mestre e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp - Campinas - SP - Brasil. E-mail: lauradonega@gmail.com

## Por dentro da revista

A *Revista Nacional e Estrangeira*, escolha d' artigos originaes e traduzidos por uma sociedade de litteratos brasileiros foi publicada mensalmente na cidade do Rio de Janeiro, pela tipografia de João do Espírito Santo Cabral – que, na época, se localizava na Rua do Hospício n. 66. De acordo com alguns pesquisadores, como Veríssimo (1900, p. 45) e Rios Filhos (2000, p. 467-468), ela circulou ao longo de seis anos, entre 1839 e 1845, no entanto, apenas os 20 números iniciais (de maio de 1839 a dezembro de 1840) sobreviveram à passagem do tempo e podem ser consultados, atualmente, no acervo da Biblioteca Nacional, ou no site da Hemeroteca Digital <<http://hemerotecadigital.bn.br/>><sup>1</sup>.

Em um primeiro momento, o periódico contou com 64 páginas, mas o “benévolo acolhimento” do público permitiu que, a partir de seu terceiro mês, ele passasse a dispor de “pelo menos 80”. A capa da *Revista Nacional e Estrangeira* não apresentava numeração, ou qualquer indicação quanto à data da publicação. Além disso, os índices com o conteúdo publicado pela revista apareciam apenas de quatro em quatro meses. Isso sugere que os exemplares não vendidos eram encadernados em um único tomo e disponibilizados aos leitores que desejavam comprar todo o material de uma única vez. A cada ano era possível, então, adquirir três tomos da revista, de 320 páginas cada.

As matérias contempladas pela publicação incluíam uma ampla gama de assuntos, como política, economia, história, moral, filosofia e literatura. A variedade temática tinha relação com o propósito de oferecer conteúdo de qualidade sobre diferentes áreas do conhecimento. Na introdução de maio de 1839, os fundadores da revista – Pedro de Alcântara Bellegarde, João Manoel Pereira da Silva e Josino do Nascimento Silva – apresentaram seus objetivos. Inicialmente eles indicaram uma suposta superficialidade na imprensa brasileira, que, ao privilegiar a “política do dia, questões do momento, urgentes, que se precipitam umas sobre as outras”, deixaria de lado uma abordagem mais consistente, um exame dos fatos com “madureza e circunspeção”. Depois, destacaram a importância das publicações diárias na formação da opinião dos indivíduos, afirmando que:

a imprensa tem immensa influencia sobre todas as classes da sociedade; a mór parte dos homens espera pelo seu periodico para saber como deve pensar a respeito da questão do dia, para saber como deve encarar os acontecimentos que se succedem, afim de tirar d'elles motivo para louvar ou censurar a administração, para louvar ou censurar a opposição (“Introdução”. *Revista Nacional e Estrangeira*, maio de 1839, p. VI).

Por fim, salientaram a pouca maturidade das letras brasileiras que seriam, segundo os redatores, insuficientes para fornecer todo o material de que precisavam para renovar a imprensa nacional. A saída encontrada por eles diante desse dilema foi a incorporação de artigos originários de outros países, notadamente na Inglaterra e na França, para as páginas da revista. Em suas palavras: “Por não confiarmos em nossas acanhadas luzes, reconhecedores da propria insufficiencia, recorreremos antes aos escriptores alheios do que aos nossos [...]” (Idem, *ibidem*). Na verdade, a utilização de textos alheios era uma prática

---

<sup>1</sup> A Hemeroteca Digital Brasileira é um portal *online* no qual se encontra parte do acervo de periódicos da Biblioteca Nacional, incluindo jornais, revistas, anuários, boletins e publicações seriadas. No *site* da Hemeroteca é possível realizar buscas por título, período, edição, local de publicação e palavra-chave. Apesar de eficiente, a plataforma não permite que se chegue a resultados absolutos, uma vez que apenas uma parte da produção Oitocentista foi conservada pela Biblioteca Nacional, e uma parte ainda menor foi digitalizada até agora.

bastante comum na época, assegurada devido à inexistência de leis protetoras dos direitos autorais no Brasil e no exterior – o que não impedia, é claro, que os escritores se incomodassem com a reprodução de seus textos e já se mobilizassem judicialmente a esse respeito<sup>2</sup>.

Ao selecionarem matérias de periódicos estrangeiros, traduzi-los para a língua portuguesa e publicá-los na corte brasileira, os redatores da revista desempenharam o papel de *passseurs culturels*. De acordo com Cooper-Richet, a noção serve para definir aquilo que atua no sentido de aproximar o contato entre “culturas provenientes de extratos sociais ou de espaços geográficos diferentes” (2010, p. 605). Por esse motivo, pode se referir tanto a um indivíduo, quanto a “um grupo de pessoas, uma congregação religiosa missionária ou ainda um partido político”, desde que eles exerçam algum papel no fortalecimento de laços entre duas ou mais culturas (Idem, p. 606). Conforme destacou Hersent, não raras vezes essa função acaba sendo desempenhado por profissionais consagrados ao campo das edições e das mídias, uma vez que tradutores, revisores, editores, livreiros, editores e críticos literários costumam não apenas se debruçar sobre a produção alheia, como também difundi-la em meio à produção local, fazendo com que ela seja incorporada a sua própria cultura (2006, p. 128-130).

Segundo Ramicelli, o principal modelo da *Revista Nacional e Estrangeira* foi a *Revue Britannique*, uma publicação francesa, impressa em Paris, “formada basicamente por tradução de textos ficcionais e não-ficcionais retirados sobretudo de revistas britânicas” – como *The New Monthly Magazine*, *Foreign Quaterly Review*, *London Magazine*, *Chambers’s Edinburgh Journal* e *Household Words* (2012, p. 65-66). Por isso, grande parte dos artigos lançados pela revista brasileira teve procedência inglesa – embora, algumas vezes, os créditos tenham sido dados à *Revue Britannique* e não ao periódico britânico no qual a matéria havia originalmente aparecido. Ainda de acordo com Ramicelli, além de manancial para a *Revista Nacional e Estrangeira*, o periódico parisiense serviu de guia para que Pedro de Alcântara Bellegarde, João Manoel Pereira da Silva e Josino do Nascimento Silva estruturassem a publicação, cuja organização seguiu bastante próxima à da *Revue Britannique* (Idem, ibidem). Ambas apresentaram apenas duas seções de caráter fixo, Variedades (onde era publicada a prosa de ficção) e Miscelanea (uma mistura de textos curtos sobre temas variados, especialmente política e economia), as demais (incluindo Viagens, Política, Economia Política, Historia, Sciencias naturaes, Litteratura, Filosofia etc.) apareceram esporadicamente, embora com certa frequência.

A partir dessas informações, podemos inferir que a *Revista Nacional e Estrangeira* se prestava a difundir artigos estrangeiros, contendo reflexões aprofundadas sobre temas relativos a diferentes áreas do conhecimento, com o objetivo de permitir que seus leitores se posicionassem de forma crítica frente a vários assuntos. Não sabemos o preço do periódico, o que dificulta levantar hipóteses a respeito de seu público-leitor. No entanto, talvez seja possível afirmar que ele era destinado à elite político-social brasileira interessada em acompanhar as novidades que apareciam na imprensa estrangeira, uma vez que seu conteúdo rebuscado dificilmente atrairia a massa de leitores.

---

<sup>2</sup> Embora generalizada, a situação incomodou alguns autores, sobretudo os lusitanos, que não se conformavam em terem suas obras difundidas na antiga colônia por meio de publicações indevidas. Almeida Garrett chegou a tentar estabelecer uma série de acordos internacionais a fim de proibir as contrafações. Pinheiro Chagas foi ainda mais longe e redigiu uma carta aberta, endereçada ao imperador D. Pedro II, exigindo o reconhecimento da propriedade literária por parte das autoridades nacionais. Conferir: ZILBERMAN, R. “Eça entre os brasileiros de ontem e hoje”. In: \_\_\_\_\_ . *et al. Eça e outros: diálogo com a ficção de Eça de Queirós*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 11-12.

## O eixo de produção e os assuntos abordados pelo periódico

A *Revista Nacional e Estrangeira* saiu nos prelos da tipografia de João do Espírito Santo Cabral, sobre quem existem poucas informações biográficas. Pelo que foi possível averiguar, em 1839, ele se responsabilizava também pela impressão da *Revista Trimestral do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, que estreou nesse mesmo ano. O trabalho realizado pelo tipógrafo parece ter agradado os membros do instituto: prova disso é que na sessão de 30 de outubro desse ano, presidida pelo Visconde de S. Leopoldo, o cônego Fernandes Pinheiro propôs que João do Espírito Santo Cabral recebesse o título de Impressor do IHGB (*Revista trimestral de historia e geographia* ou *Jornal do Instituto historico geographico brasileiro*, 1839, p. 353). O reconhecimento do instituto não impediu que o estabelecimento escapasse dos problemas financeiros e, em 1846, ele declarou falência<sup>3</sup>. Sete anos mais tarde, o comerciante se mudou para a cidade de São Paulo – onde abriu, na Rua do Imperador n. 24, a Typographia Litteraria –, mas, em 1866, ele se viu obrigado a retornar à capital do Império por “motivos de saúde”<sup>4</sup>.

Na lista de publicações de João do Espírito Santo Cabral, encontramos obras diversas, incluindo periódicos – como a *Minerva Brasiliense* (1843-1844) e *O Portuguez no Rio de Janeiro* (1852-?) –, livros moralizantes – como *Conselhos a minha filha* (1842), de Nísia Floresta Brasileira Augusta –, didáticos – como *Compendio de Topographia* para uso da escola de Architectos medidores da provincia do Rio de Janeiro (1839) e *Compendio de matematicas elementares* (1842), ambos de Pedro de Alcântara Bellegarde –, históricos – como *Da vida e feitos de Alexandre de Gusmão*, e de *Barthomoleu Lourenço de Gusmão* (1841), de José Feliciano Fernandes Pinheiro – e políticos – como *Observações, que a algumas expressões do deputado Joaquim Antonio de Magalhães, em sessão de 30 de Junho de 1840, nas Córtes portuguezas, fez o ex-ministro de Portugal no Rio de Janeiro* (1840), de Joaquim César de Figanieri e Mourão, e a segunda edição da *Representação a Assembleia Geral Constituinte do Imperio do Brasil sobre a escravatura* (1840), de José Bonifácio de Andrade e Silva (SILVA, 1858; Idem, 1862).

A *Revista Nacional e Estrangeira* foi idealizada por Pedro de Alcântara Bellegarde (1807-1864), João Manoel Pereira da Silva (1817-1868) e Josino do Nascimento Silva (1811-1886). Quando o periódico veio à luz, em 1839, Bellegarde era major, diretor da Academia Militar do Rio de Janeiro, escritor de livros didáticos

---

<sup>3</sup> “FRANCISCO de Paula Ferreira Amorim proprietario da casa n. 66 sita na rua do Hospicio, em que morou como inquilino João do Espírito Santo Cabral, annuncia ao publico que tendo o dito inquilino mandado entregar a chave da dita casa depois de haver falido e convocado seus credores, e depois de haverem estes disposto do melhor que acharão, o procurador do annunciante encontrou alguns objectos muito insignificantes de que se fez uma relação em presença de testemunhas; e convindo que a casa ficasse desembaraçada, fora removidos os ditos objectos para o deposito geral por ordem do Sr. doutor Jozé Ignacio Vaz Vieira, juiz de direito da primeira vara cível, o que consta do projeto existente no cartorio do escrivão o Sr. Almeida Campos; o que se faz publico no interesse de quem convier”. Fonte: **Diário do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Typ. do Diario. 25 de agosto de 1846, n. 7288, p. 4.

<sup>4</sup> “TIPOGRAPHIA LITTERARIA Rua do Imperador n. 24. O abaixo assignado, desejando regressar ao Rio de Janeiro a fim de tratar de sua saude, propõe-se a vender o estabelecimento acima indicado, o qual se acha bem afreguesado, e tem proporções para se augmentar em maior escala, podendo dar grandes vantagens. Trata-se na mesma officina com *João do Espírito Santo Cabral*”. Fonte: **Diário de São Paulo**. São Paulo: Typ. Do Diario. Quarta-feira, 11 de julho de 1866, n. 275, p. 4. A respeito da estadia do tipógrafo em São Paulo, consultar também o jornal **O Publicador Paulistano**, edição de 15 de outubro de 1859. “Post-scriptum”. O Publicador Paulistano. São Paulo: Typ. Dous de Dezembro. Sábado, 15 de outubro de 1850. Disponível em: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/upload/jornais/PP18591015.pdf>>. Acesso em 19 de junho de 2013.

e um dos sócios-fundadores do IHGB, do qual foi o primeiro orador<sup>5</sup>. Pereira da Silva, por sua vez, acabara de retornar ao Brasil, após uma temporada de estudos na França, onde obteve o título de bacharel em Direito. Embora tenha se tornado conhecido por sua carreira política, a essa altura, ele atuava como advogado no Rio de Janeiro e se dedicava também à escrita de textos ficcionais. No rodapé do *Jornal do Commercio*, ele publicou, ainda em 1839, “O aniversário de Dom Miguel em 1828” (nos dias 16, 21 e 22 de janeiro) – que no mesmo ano ganhou uma edição em livro pela Tipografia Imperial – e “Religião, amor e pátria” (nos dias 12, 13, 14, 15 e 16 de março)<sup>6</sup>. Nascimento Silva também era advogado, mas havia se formado no curso na Academia de São Paulo, onde lançara *O Amigo das Letras* – que, segundo Sodré, “defini[ra] a iniciada participação dos alunos do curso jurídico local nas lides literárias, políticas e jornalísticas” (1999, p. 116).

Nas décadas seguintes, os três mantiveram participação ativa na imprensa: Bellegarde colaborou na *Minerva Brasiliense* (1843-1845), Pereira da Silva redigiu narrativas de ficção para o *Jornal do Commercio*, enquanto Nascimento Silva escreveu para *O Chronista* (1862) e ocupou o cargo de redator do *Diário do Rio de Janeiro* (SILVA, 1860, p. 160). A carreira jornalística, entretanto, foi exercida ao lado de outras funções no exército, ou na política – Bellegarde trabalhou como ministro de guerra, além de chefe da comissão de limites entre o Brasil e o Uruguai, Pereira da Silva atuou como senador e presidente da província do Rio de Janeiro, enquanto Nascimento Silva foi presidente da província de São Paulo por duas vezes e integrante do conselho do imperador (Idem, ibidem). A biografia dos fundadores da *Revista Nacional e Estrangeira* ajuda a compreender o destaque oferecido ao periódico à literatura e à política, como fica evidente na tabela abaixo:

	1839		1840			Total
	Maio a Agosto	Setembro a Dezembro	Janeiro a Abril	Maio a Agosto	Setembro a Dezembro	
Administração	0	0	1	0	0	1
Arqueologia - Arquitetura	0	0	1	0	0	1
Astronomia	0	0	0	1	0	1
Autobiografia	0	0	1	0	0	1
Bibliografia	0	0	2	0	0	2
Biografia	0	1	0	0	0	1
Ciências Naturais	2	1	0	0	0	3
Ciências Médicas	0	1	0	0	0	1
Economia Política	2	3	3	3	0	11
Economia Social	1	0	0	0	1	2
Estatística	0	0	0	0	1	1
Filosofia	2	0	2	0	0	4

<sup>5</sup> Fonte: <<http://www.ihgb.org.br/ihgb23.php>>. Acesso em 19/06/2013.

<sup>6</sup> Entre os dias 8, 9, 10 e 11 de janeiro de 1840, o mesmo periódico acolheu, o folhetim “Jerônimo Corte Real, Crônica portuguesa do século XVI”, de Pereira da Silva. A respeito desse e outros folhetins de origem brasileira publicados no período, conferir: HEINEBERG, I. *La suite au prochain numéro: formation du roman-feuilleton brésilien à partir des quotidiens Jornal do commercio, Diário do Rio de Janeiro et Correio mercantil (1839-1870)*. Tese (Doutorado em Études Lusophones) – U.F.R. d’Études Ibériques et Latino-Américaines, Université de Paris III la Sorbonne Nouvelle, Paris, 2004.

Filosofia Moral	0	0	0	0	1	1
Finanças - Comércio	1	0	0	0	0	1
Galeria biográfica	0	0	0	0	1	1
História	1	2	1	1	1	6
História contemporânea	0	0	0	1	1	2
Indústria	1	0	0	0	0	1
Jurisprudência	0	0	0	1	0	1
Literatura	1	2	1	0	3	7
Miscelânea	4	4	3	4	2	14
Moral	1	1	0	0	0	2
Poesia	4	3	2	1	1	11
Política	3	1	0	1	0	5
Química	0	0	0	1	0	1
Retratos históricos	1	0	0	0	0	1
Tática eleitoral	0	0	0	0	1	1
Tática parlamentar	0	0	0	0	1	1
Variedade <sup>7</sup>	4	4	3	4	2	17
Viagens	0	2	1	3	0	6

Tabela 1: Frequência das seções encontradas na *Revista Nacional e Estrangeira*

Conforme percebemos, a política marcou forte presença nas páginas da *Revista Nacional e Estrangeira*, aparecendo em seções como Economia Política, Política, Tática parlamentar e Tática eleitoral. O grande destaque ao tema reforça a ideia, anteriormente exposta, de que o periódico se destinava à elite econômica nacional. Se levarmos em conta que a Constituição de 1824, vigente nesse período, estabelecia que somente poderiam votar para os cargos do Legislativo indivíduos do sexo masculino, maiores de 25 anos e com renda anual mínima de 100 mil réis (Rs100\$000), podemos supor que, provavelmente, os interessados em ler um periódico com artigos de caráter político extraídos de jornais e revistas estrangeiros possuísem um padrão de vida elevado em relação ao restante da população<sup>8</sup>.

### **A literatura na *Revista Nacional e Estrangeira***

A literatura apareceu em diversos espaços da *Revista Nacional e Estrangeira*. Ao todo, o periódico publicou 22 poesias de autores nacionais e estrangeiros, sendo oito no primeiro número – o primeiro e o quarto cantos d' "A Confederação dos Tamoyos", de Gonçalves de Magalhães<sup>9</sup> (ainda inédito nesse momento); "Ode", de Casimiro Delavigna (traduzida por \*\*\*); "A inconstância" e "Apologo. Mane Sapo, Dona Cobra e um cisne", ambas assinadas por F. da. R. S.; "A illusão", sob a rubrica

<sup>7</sup> Na edição de maio de 1839 da revista um artigo escrito por Nascimento Silva, chamado "A vida do deputado", apareceu na seção Variedades. Essa foi a única ocasião que um texto não-ficcional apareceu nesse espaço.

<sup>8</sup> Para se ter uma ideia do que representava esse valor na época, podemos dizer que o salário anual dos professores de primeiras letras era de 400 mil réis (RS 400\$000), 100\$000 a menos que o valor pago anualmente aos professores de Latim, Grego, Aritmética e Geografia. Fonte: <[http://www.unicamp.br/iel/memoria/base\\_temporal/Numeros/index.htm](http://www.unicamp.br/iel/memoria/base_temporal/Numeros/index.htm)>. Acesso em 20/06/2013.

<sup>9</sup> O escritor foi autor ainda da dedicatória ao Imperador Dom Pedro II, localizada no primeiro volume da revista.

de M.; “Ode ao Sr. José Palafox y Melci, Defensor de Saragoça”, anônima; e “Ode. O Carrasco”, de A. Augusto de Queiroga –; sete no segundo – “A Itália e Roma, ou os monumentos antigos” (traduzido de Saint-Victor), “Le Voyage du Poete” (por F. B. Ribeiro); “Ecloga primeira de Virgílio” (traduzida por M. O. M.); “Homilia de Santo Isidoro”, anônima; “Decima”, sem indicação de autoria (traduzida por José Eloi de Ottoni); “Sephora”, do Conde Alfredo de Vigny; e “Lyras”, de J. J. Teixeira –; quatro no terceiro – “As discordias civis e o meu ‘projectado’ adeus ao Brazil quando tencionei ir passar algum tempo em Allemanha”, anônima; “A gloria. Meditações de Lamartine” (traduzida por J. J. Ferreira da Costa); “A proclamação da constituição da portugueza em 24 de agosto de 1820”, de M. A. B; e “Ode a Napoleão Bonaparte” (“imitado de C. Delavigne”), anônima –; duas no quarto – “O passarinho preso” (traduzido de Theodoro Lebreton), anônima; e “Hymno a Vênus” (traduzida de C. Delavigne), por J. J. Ferreira da Costa – e uma no quinto – “Livro IV de Eneida”, de Virgílio (de tradutor anônimo).

A revista difundiu também 21 narrativas ficcionais, incluindo “A vespera da queda d’um ministro d’Estado”; “Um primeiro ministro”; “O club de Southampton”; “Viagens de Lima ao Pará, pelos Andes, pelas Missões e pelo Rio Amazonas”; “A cova de Guachara”; “O copo d’água com assucar”; “O banho turco”; “As cinco fontes. Scenas do Hindostão”; “Minhas campanhas parlamentares”; “Os ultimos momentos do príncipe de Talleyrand por uma testemunha occular”; “Viagens as minas de Gongo-socco, estabelecimento pertencente a uma companhia ingleza a noventa e duas léguas portuguezas do Rio de Janeiro” e “As parochias da Gran-Bretanha”. Na lista devemos acrescentar ainda o folhetim “Diário de um médico” – certamente a narrativa mais longa publicada pela *Revista Nacional e Estrangeira*, com 11 capítulos<sup>10</sup> –; quatro contos de Madame Marcets – “O rico e o pobre”, “O jornal”; “Os três gigantes” e “A população, ou o antigo mundo” – e quatro capítulos da *Chronica de D. Affonso Henriques*, por Duarte Galvão.

Em um primeiro momento, a presença da literatura parece ter o objetivo de amenizar a seriedade do periódico. Entretanto, as narrativas ficcionais publicadas em seu interior dificilmente agradariam o grande público, pois também tiveram como foco questões de ordem política e econômica. Essa questão fica evidente em alguns títulos, como “A vespera da queda d’um ministro de estado”, assinada por \*\*\*, e “Um primeiro ministro”, anônima. O mesmo pode ser dito a respeito de “Diário de um médico”, folhetim extraído da *Blackwood’s Magazine*, no qual o narrador descreve a vida íntima de seus pacientes que são, em sua maioria, governantes ou pessoas ligadas ao poder público inglês:

A primeira parte d’este bosquejo tão tocante parece referir-se a M. Canning, a ultima a lord Castlereagh. Não obstante, seja qual fôr o homem politico de quem tenha querido fallar o autor d’estas recordações, não duvidamos da verdade de sua narração. Estes artigos, cuja serie publicaremos, excitaram numerosas reclamações em Inglaterra; mais de uma familia se queixou da indiscrição do autor. Pretendeu-se que, trahindo os mysterios da vida privada que sua profissão lhe deu a conhecer, elle tinha violado as leis impostas pela moral, a religião do medico. As cores empregadas pelo escriptor são, alem d’isso, de uma realidade admirável. Chathara morreu extenuado por seus trabalhos parlamentares; cahiu sem sentidos, pronunciando seu ultimo discurso na Camara dos Lords. Sheridam e Burke tinham a intelligencia debilitada quando expiraram. Castlercagh e Samuel Romilly se suicidaram. Canning pereceu devorado por suas anxiedades de

---

<sup>10</sup> Lista dos capítulos do folhetim: I. O jovem doutor; II. O cancro. – O duelo; III. O hipocondríaco; IV. A agonia de um sábio; V. O Falsário Diário de um médico; VI. O homem político; VII. O rico e o pobre; VIII. O negociante fallido; IX. A Cantatriz; X. O jogador de socco e a moça e XI. Culpa e arrependimento.



Do total de 21 narrativas publicadas pela *Revista Nacional e Estrangeira*, apenas 12 apareceram com indicação de autoria – "O club de Southampton", de Méry; "A cova de Guachara", de Agostinho Codazzi; "O copo d'água com assucar", de Marie Aycard; "O banho turco", de Alexandre Dumas, os quatro contos de Madame Marcets e as quatro crônicas de Duarte Galvão –, sendo todos saídas das penas de autores estrangeiros. A presença da ficção internacional fica ainda mais evidente quando consideramos que, além desses títulos, outros oito foram retirados da imprensa europeia: "Um primeiro ministro" apareceu n' *O Nacional de Lisboa*; "O Diário de um médico", na *Blackwood's Magazine*; "Viagens de Lima ao Pará, pelos Andes, pelas Missões e pelo Rio Amazonas", na *Traveller's Magazine*; "As cinco fontes. Scenas do Hindostão", na *New Monthly Magazin*; "Minhas campanhas parlamentares", no *New London Journal*, "Os ultimos momentos do príncipe de Talleyrand por uma testemunha occular", na *Revue Britannique*; "Viagens as minas de Gongo-socco, estabelecimento pertencente a uma companhia ingleza a noventa e duas léguas portuguezas do Rio de Janeiro", no *Journal des Débats*, e, finalmente, "As parochias da Gran-Bretanha", no *Illustrations of Political Economy*.

A *Revista Nacional e Estrangeira* publicou também biografias de autores, resumos de obras e artigos sobre a produção literária estrangeira em seções como *Litteratura*, *Bibliographia*, *Biographia*, *Historia* e *Miscellanea*. Entre 1839 e 1840, o periódico trouxe os seguintes textos: "Juízo da revista de Edinburgo sobre a litteratura franceza contemporânea", em seu primeiro número; "O theatro romântico", de Antonio Feliciano de Castilho, "Galleria brasileira. I. Fr. Francisco de S. Carlos" e "Viagem pela Allemanha. 1836. 1a. parte", ambos de Pereira da Silva, no segundo número; "D. Sebastião encoberto, romance-poema, publicado em Lisboa no anno de 1839", "Memorias do Bussaco por Adrião Pereira Forjaz de Sampaio publicadas em Coimbra em os annos de 1838 e 1839: um vol. em 12", ambos assinados por \*\*\*, e "Reforma da litteratura na Allemanha durante o décimo sexto século", no terceiro número; "Machiavel e seu seculo", no quarto número e, por fim, a continuação de "Viagem pela Allemanha. 1836", de Pereira da Silva, "Historia da Imprensa, e das Leis relativas a ella em Inglaterra" e "Poesia da Peninsula Iberica", no quinto número.

Desse total de 11 críticas, ao menos seis possuíram origem estrangeira: três textos saíram do periódico *Edinburgh Review* – "Juízo da revista de Edinburgo sobre a litteratura franceza contemporânea", "Reforma da litteratura na Allemanha durante o décimo sexto século" e "Machiavel e seu seculo" –, uma da *Revista de Edinburgo* e de *Westminster* – "Historia da Imprensa, e das Leis relativas a ella em Inglaterra" – e uma da *Foreign Quarterly Review* – "Poesia da Peninsula Iberica" –, além disso, "O theatro romântico" apareceu sob assinatura do escritor português Antonio Feliciano de Castilho. A crítica redigida por autores nacionais marcou presença em três textos de Pereira da Silva, que escreveu "Galleria brasileira. I. Fr. Francisco de S. Carlos" – dedicado à vida de um padre franciscano, nascido no Rio de Janeiro, que compôs alguns versos sacros –, "Viagem pela Allemanha. 1836. 1a. parte" e "Viagem pela Allemanha. 1836. 2a. parte" – nos quais tratou principalmente da obra de Schiller, Goethe e Hoffmann. As duas críticas restantes – "D. Sebastião encoberto, romance-poema, publicado em Lisboa no anno de 1839" e "Memorias do Bussaco por Adrião Pereira Forjaz de Sampaio publicadas em Coimbra em os annos de 1838 e 1839: um vol. em 12" – foram assinadas pelo pseudônimo \*\*\*.

## Um periódico inglês comenta a produção literária da França de 1830

A crítica “Juízo da Revista de Edinburgo sobre a literatura francesa contemporânea” apareceu inicialmente na *Edinburgh Review*, em 1830, foi traduzida para as páginas da *Revue Britannique*, em outubro de 1833, e, a partir desta, para a *Revista Nacional e Estrangeira*, em julho de 1839 (RAMICELLI, p. 2012, p. 145). Logo nas primeiras linhas, o autor deixou clara a sua insatisfação com a literatura francesa posterior à Revolução de 1830, sobre a qual concentrou sua análise, destacando o que, em sua opinião, seriam dois dos principais aspectos mais negativos dessa produção: o estilo e a imoralidade. Em suas palavras:

A situação da litteratura francesa ha tres annos tem alguma coisa de muito notavel. Concordam todos os escriptores distinctos d’este paiz no chaos de ideias, na ridicula extravagancia do estylo, que deshonram a mor parte das novas producções. Concordam em profligar o egoismo, o cynismo asqueroso de que offerecem estas obras tão tristes exemplos. Há um concerto de queixumes e anathemas contra esta falta de convicção religiosa, de moralidade, de gosto e de consciência (“Juízo da Revista de Edinburgo sobre a literatura francesa contemporânea”. *Revista Nacional e Estrangeira*, maio de 1840, p. 145).

Para fundamentar as concepções expressas nesse parágrafo inicial, o crítico utilizou várias estratégias. Inicialmente contrapôs a literatura francesa do século XVIII e a do século XIX, alegando que, embora ambas tivessem como propósito a destruição, apenas a primeira mostrar-se-ia engajada também na renovação. A seu ver, autores como Voltaire, Helvécio e Diderot, por acreditarem “na energia humana” e na perfectibilidade de nossa natureza”, teriam como diretriz norteadora a melhora da sociedade. Assim, proporião a destituição de governos, o abalo de instituições e a ruína de autoridades ao mesmo tempo em que “abri[riam] ao mundo uma perspectiva de gloria, um futuro de força”. Os autores franceses Oitocentistas, por sua vez, não visariam à regeneração social por meio do desmoronamento de suas estruturas, o que faria com que eles criassem obras destituídas de qualquer finalidade:

Hoje cada qual duvida de tudo; nem um systema acha sinceros proselytos; reconhece-se que o edificio antigo está arruinado, e que nem um monumento duradouro se ha levantado sobre suas cinzas. Já não há fé na bondade na torça, na nobreza da espécie humana. Terrível reacção que não é bastante para reconduzir a intelligencia e a alma dos liomens a sua antiga fé destruída, d’onde resultam porém essa nullidade extravagante, essa litteratura sem ponto central, sem verdade, sem força intima, que envergonharia qualquer povo, si todas as nações não fossem forçadas a soffer o mesmo opprobrio (Idem. p. 47).

Na opinião do crítico, a descrença na humanidade – vivenciada não apenas pelos escritores, mas pela França como um todo – resultaria de uma negligência por parte dos governantes com o aperfeiçoamento moral do país. Para ele, ao se estabelecer no poder após a Restauração, em 1815, Carlos X deveria ter procurado mais do que se firmar no trono e buscado “dar um pouco de energia e virilidade, de probidade e fé a essa massa sobre que (sic) haviam passado em um quarto de seculo mais de dez revoluções”. Isso porque, desde a época da Restauração, a literatura francesa já possuiria em si os germens da incredulidade, mas poderia ter tomado um novo caminho caso houvesse interesse político em interceder nesse sentido. A seu ver, em vez de agir sobre esse mal, o governo francês teria deixado

o caminho livre para a propagação da desesperança. Como resultado, haveria a disseminação de autores imorais, cujas obras seriam incapazes de “consol[ar] o coração”, ou de “apert[ar] os laços sociais”, devido à presença recorrente de “scenas de licença e atrocidade” e de “palavras, ora furibundas, ora embebidas no deboche”. Em suma, faltaria à literatura francesa contemporânea “uma obra verdadeiramente moral” que teria o intuito de “firmar em sua base essa fé christãa á qual se prendem todavia todos os hábitos, todos os sentimentos, todos os costumes modernos, e que a tantas revoluções tem sobrevivido” (Idem, p. 145-146).

Além do descaso político, outro motivo foi apontado pelo autor para a imoralidade encontrada na literatura francesa posterior à Revolução de 1830: a ganância de alguns autores que publicariam “pesadelos litterarios”, marcados “pela ideologia do assassinato e do deboche” e por outras obscenidades, tendo em vista a conquista de uma legião de leitores e a obtenção de lucros financeiros. Segundo o crítico, esses “traficanteszinhos da litteratura” seriam escritores de segunda ordem, sem talento genuíno e qualquer escrúpulo. Embora medíocres, saberiam acompanhar as tendências do mercado editorial, dançar de acordo com as regras do jogo e tomar carona no sucesso alheio, produzindo obras parecidas àquelas aplaudidas pelo público e que, mesmo sem o mérito da originalidade, acabariam por chamar a atenção dos leitores. Em sua opinião, ao acolher obras semelhantes, a sociedade francesa deixaria evidente a sua própria corrupção, pois, em situação contrária, não permitiria que um escritor “dotado de imaginação e de talento” lhe “atira[sse] ao rosto [...] um volume inteiro de obscenidades em estylo antiquado”, como *Les Contes drôlatiques*, de 1832, ou que seu “primeiro autor dramático”, Victor Hugo, escolhesse “para heroína de seu drama a infame Lucrecia Borgia” (Idem, p. 150).

Para o autor da crítica, o desejo de enriquecer por parte de alguns escritores levaria sobretudo os de pouco talento a seguirem estéticas cujos princípios não dominariam plenamente e, como resultado, surgiriam verdadeiras aberrações literárias tanto em relação à verossimilhança quanto à moralidade. Haveria os autores franceses que procurariam copiar Ernst Theodor Amadeus Hoffmann, dizendo-se partidários da literatura fantástica, e os que teriam como meta a retratação fiel da realidade, mas que também acabariam por se afastar dela. Os primeiros pecariam por tentar imitar o inimitável, aproveitando-se da fama do literato de língua alemã para “inventar[r] figuras grotescas, mostra[r]-nos um demoninho a cavallo no martello das portas, serpentes e anjos de azas azues volteando em cima da chama do ponche”. Segundo ele, apenas “um temperamento naturalmente nervoso e irritavel, levado até os limites da loucura pelo habito da embriaguez e por enfermidades chronicas”, como Hoffmann, seria capaz de se adequar ao gênero e, por isso, “o seu elixir” não poderia ser compartilhado com mais ninguém (Idem, p. 151-152). Os escritores franceses que se definiram como “pintores da realidade” provocaram um repúdio ainda maior no crítico da *Edinburgh Review*. Em suas palavras:

Ao menos os escriptores fantasticos pretendem mentir, e mentem bem ou mal: abrem as portas ao mundo invisível; si vos desagrada esse mundo, si sua varinha mágica não vos descobre thesouro algum, não deveis accusar sinão sua impericia, porém elles não vos enganam. Que direi d'aquelles que se dão por pintores de realidades e em cujos escriptos não se encontra uma realidade, uma verdade, um character? Imaginae personagens que jamais deveram existir, e que obram sem relação alguma com o proprio character que lhes prestam. Tudo é inconsequência, inconveniência; por toda parte é ferida a lógica; si a heroína é virtuosa, loira e

alva, como dizem esses autores, podeis ter por certo que, antes do fim do primeiro volume, lhe será attribuido algum crime inconciliável com seu primeiro character; si tal homem é um monstro, prestar-lhe-hão grandes virtudes (Idem, p. 152).

Ele propôs, então, que os literatos franceses deixassem de “recorrer sem cessar ao extraordinário e ao horrível”, pois isso somente demonstraria “esterilidade e pobreza de recursos”, e imaginassem obras nas quais os acontecimentos não aparecessem ao acaso, como por capricho do autor, mas resultassem em um enredo coerente, capaz de prender a imaginação do leitor (Idem, p. 152-153). A seu ver, uma das obras mais inverossímeis da França contemporânea seria *La Confession* (1830), de Jules Janin, pois, embora o autor alegasse ter partido de experiências empíricas para compor a história de um homem perdido, sem nenhuma crença que servisse para guiar seu comportamento, teria acabado por criar algo totalmente fora da realidade. Assim, os comportamentos das personagens, longe de naturais, serviriam apenas para comprovar a tese de Janin de que não existiria mais nenhuma fé capaz de acalmar os ânimos dos seres humanos. Mesmo vendo um grave defeito na obra do escritor francês, o crítico não deixou de salientar a beleza de seu estilo e sua capacidade descritiva:

Em Janin se acham todavia qualidades pouco communs; muito brilhantismo no estylo, episodios cheios de entusiasmo; uma certa alegria maligna e candida que se reune ás passagens mais patheticas e que as faz ressaltar; finalmente raios luminosos e penetrantes, que, sem terem nunca grande alcance, sem abraçar o todo da sociedade actual, penetram as vezes sua profundidade. Parecem-se com essas illuminações subitas da embriaguez que brilham como um relampago no meio do chaos e das trevas da intelligencia (Idem, p. 155).

Como todo escritor francês contemporâneo, Janin seria, segundo o autor da crítica, imoral. Sua incapacidade de se manter “casto por muito tempo” faria com que abundassem “embroglios hediondos”, “miscellaneas de sangue”, “enfermidade” e “voluptuosidade” em todas suas obras. O mesmo defeito foi apontado por ele na produção de Victor Hugo, a quem definiu como o principal literato da França na época. Em sua opinião, ainda que fosse um “autor dramático original”, um “poeta lyrico de primeira ordem” e “um romancista muito distincto”, de “imaginação creadora”, “aspiração alta e pura”, com capacidade de “amadurecer com perseverança os objetos” e de compor “pinturas enérgicas e de coloril-as com brilho”, Hugo pecaria pelo progressivo aumento da “corrupção” e da “desordem” em seus textos. Para o crítico, a imoralidade não ocorreria nas primeiras obras do escritor, como *Bug Jargal* e *Hans d’Islande*, nas quais apareceriam personagens virtuosas e cenas confortadoras, mas nas últimas, especialmente em *Le Roi s’amuse* e *Lucrece Borgia*. Outro problema da produção literária de Hugo seria “a exageração”, saliente de forma especial em *Maturin*, *Han d’Islande* e *Bug Jargal* – este último um conto “inteiramente despido de verossimilhança”, na opinião do autor da crítica (Idem, p. 156).

O crítico da *Edinburgh Review* indicou *O ultimo dia de um condenado* como a melhor obra victorhugoana devido à descrição habilidosa feita pelo escritor dos sentimentos vividos por um homem condenado à pena de morte. Apesar de aclamar o livro, não deixou de encontrar nele um pequeno problema: a falta de decoro. A seu ver, indivíduos violentos mostrar-se-iam incapazes de se expressar de maneira eloquente ou de construir períodos rebuscados com tão belas metáforas, como feito pela personagem principal. O curioso é que na obra em questão o narrador sequer descreveu os motivos que levaram o protagonista à prisão, consequentemente, não

sabemos se ele é culpado, inocente, ou mesmo que espécie de delito teria sido cometida por ele. Portanto, o argumento trazido pelo crítico de que as falas da personagem seriam incompatíveis com um homem violento acaba com pouco fundamento:

O defeito fundamental da obra, alias cheia de vigor e talento, é que o condemnado que tão bem se exprime, que a si mesmo se analysa com tanta philosophia, que tem a alma tão branda, o espirito tão poderoso, o estylo tão bello e tão firme, parece-me inteiramente fóra das condições do tribunal de *assizes*. Quem se lembra de ter haver visto nos bancos d'esse tribunal, no meio dos gendarmes e dos ignobeis officiaes de justiça, um homem capaz de escrever um só dos paragraphos de M. V. Hugo, e entretanto accusado de assassinato, convencido de assassinato, que não alcançou o perdão, nem mesmo commutação de pena! Estes crimes violentos pertences as vezes a entes nobres por sua natureza e desvairados pela paixão, porém são, por assim dizer, antilliterarios, incompatíveis com a reflexão philosophica e calma do trabalho intellectual (Idem, p. 157).

Além de *O último dia de um condenado*, outra obra de Victor Hugo mereceu os aplausos do crítico da *Edinburgh Review: Notre Dame de Paris*. O motivo, mais uma vez, foram as belas descrições trazidas pelo autor, especialmente na cena que traz a morte do padre Claude Frollo, atirado do alto da catedral por Quasimodo, no momento da execução da bela Esmeralda. Em suas palavras: "Pintor enérgico e exacto de scenas violentas, M. Hugo semeou Notre Dame de Paris de paginas e quadros admiraveis" (Idem, p. 158).

Outros escritores contemporâneos a Hugo também foram condenados pelo crítico da revista inglesa pela presença de múltiplas cenas inverossímeis em suas obras. Em relação ao famoso folhetinista Eugène Sue, ele afirmou: "Si suas pinturas são fieis não há navio francez que não seja um pandemonium fluctuante, commando pelo diabo em pêssoa e tripolado por maus anjos" (Idem, p. 159). De Balzac, disse o seguinte: "M. Balzac contenta-se com o deboche, leva a graça gauleza a seu ultimo grau de indecencia e de audacia. Ha contos d'este autor que fariam corar m dragão e que espantariam um carreteiro" (Idem, p. 160). O mesmo raciocínio seguiu as considerações feitas por ele da produção literária de George Sand, de Paul Lacroix e de Paul de Kock.

Na opinião do crítico inglês, o maior problema da inverossimilhança encontrada nas obras desses autores seria que, além de infestarem a literatura francesa "de exageração, de exquisites e de mentira", elas disseminariam entre os leitores cenas de adultério, mortandades, violência e outras barbaridades. Desse modo, se desejassem deixar de incorrer pela ausência de verdade, os escritores franceses deveriam pintar também as qualidades humanas, demonstrando "sympathia real pelo bem e pela virtude". Mesmo apontando tantos defeitos na literatura francesa de 1830, o crítico da *Edinburg Review* não deixou de se mostrar otimista quanto ao futuro. Ele encerrou seu artigo afirmando que novas produções em breve apareceriam no cenário do país e que as obras contemporâneas apenas serviriam como "estranhas recordações d'uma enfermidade social que terá durado muito tempo" (Idem, p. 162).

## **As monstruosidades da literatura contemporânea de origem portuguesa**

A crítica "D. Sebastião encoberto, romance-poema, publicado em Lisboa no anno de 1839" teve como foco o livro do poeta português António Augusto Correia

de Lacerda, que havia saído à luz recentemente na capital lusitana<sup>11</sup>. Ela apareceu sem indicação de autoria, na seção Bibliographia da *Revista Nacional e Estrangeira*, em fevereiro de 1840. Conforme afirmou Ramicelli, é provável que seu autor seja Josino do Nascimento Silva, que assinou “A vida de um deputado”, uma crônica de estrutura e temática próximas a “A véspera da queda de um ministro d’Estado”, veiculada sob pseudônimo de \*\*\*, o mesmo encontrado na crítica em questão (2012, p. 72).

Antes de dar início à crítica, o autor apresentou aos leitores o enredo da poesia de Lacerda: derrotado na Batalha de Alcácer-Quibir, D. Sebastião foi salvo por um mouro chamado Selim que, longe das vistas de seus companheiros, colocou o monarca português em um cavalo e o levou para casa. Selim morava perto da cidade de Fez em companhia de seu pai, Ismael, e de uma irmã, Zilla, por quem se apaixonou D. Sebastião. Entretanto, a inocente donzela estava prometida a um primo, Ali, que logo percebeu o clima de romance entre sua noiva e o D. Sebastião. Desejando se vingar, Ali invadiu a residência do tio acompanhado de alguns homens. No violento confronto que se seguiu à invasão, morreram o dono da casa, seus dois filhos, o sobrinho e os comparsas dele. Nesse momento, apareceu a figura do pai de Ali, um homem bárbaro e vil que, transtornado pela perda do filho, decidiu incendiar a residência. O monarca lusitano conseguiu escapar com vida, mas passou o resto de seus dias atormentado pela culpa, vagueando sem destino.

Depois de contextualizar o leitor, o crítico da *Revista Nacional e Estrangeira* elogiou o poeta por ser capaz de conceber uma história tão criativa. Salientou, contudo, que ele deveria tomar mais cuidado com o excesso de imaginação a fim de não errar pela “inverossimilhança” ou pela “extravagância”. Ademais, aconselhou Lacerda a evitar as cenas de “excessivo horror”, como a que descreve a luta travada entre Ali e D. Sebastião. Em suas palavras:

O combate de D. Sebastião com o Mouro Ali também nos parece peccar por este lado, quando o Mouro procura metter a mão pela bocca do príncipe, e este o suffoca. É um combate de canibaes (“D. Sebastião encoberto, romance-poema, publicado em Lisboa no anno de 1839”. *Revista Nacional e Estrangeira*, fevereiro de 1840, p. 114).

A seu ver, essas descrições monstruosas atrapalhariam o andamento da narrativa e resultariam em uma sensação de desgosto por parte do leitor que, caso desse prosseguimento à leitura, viria outras cenas igualmente perturbadoras. O crítico censurou também a construção das personagens da narrativa, principalmente o pai de Ali, a quem definiu como um “monstro [...] devorado por uma sede de sangue de crimes que nada pôde saciar [...] renegado [que] serve apenas para lançar fogo á habitação de Ismael” (Idem, p. 114-115). De fato, esta personagem pratica uma série de atrocidades, inclusive o assassinato de sua primeira esposa, que lhe fora infiel, e de seu amante. Após o crime, não manifesta nenhum remorso, pelo contrário, deleita-se em narrar ao filho a morte das vítimas e seus sofrimentos, bem como o júbilo que sentiu ao se ver vingado pela afronta cometida pela mulher.

De acordo com o autor da crítica, o prazer com o derramamento de sangue demonstrado pela personagem seria artificial e prejudicaria a verossimilhança do poema (Idem, ibidem). A fim de embasar sua argumentação, ele fez uso de uma referência explícita ao texto da *Edinburgh Review*, “Juizo da Revista de Edinburgo sobre a litteratura franceza contemporanea”, dizendo que: “O nosso autor foi

---

<sup>11</sup> LACERDA, A. A. C. de. *Dom Sebastião, o Encuberto: romance-poema*. Lisboa: Typ. de J. F. Sampaio, 1839.

certamente *accommettito* da enfermidade com que labora a litteratura franceza, e que se descreveu em um artigo da Revista de Edinburgo traduzido e transcripto nas paginas d'est periódico" (Idem, p. 115). Esse trecho deixa evidente que o crítico da publicação brasileira adotou um procedimento semelhante ao empregado pelo inglês e ainda que se valeu dos argumentos apresentados pelo estrangeiro na legitimação de sua fala.

Além do excesso de ferocidade por parte dos vilões da narrativa, o crítico da *Revista Nacional e Estrangeira* denunciou a tibieza de seu protagonista. Em sua opinião, D. Sebastião seria um herói mal construído por não ocupar posição de destaque no enredo e não reunir em si as qualidades capazes de "excitar no coração dos leitores o mais forte sentimento de interesse e de *sympathia*" (Idem, p. 116). Ele teria como mérito apenas a força física – lutando bravamente em diversas passagens da obra, ainda que ferido, ou cansado –, mas, em relação ao espírito, acabaria ofuscado pela "nobreza e generosidade de sentimentos de Selim e Ismael" – que acolheram o monarca português e o protegeram com suas próprias vidas desinteressadamente.

Para o crítico, mais do que sangrar e se recuperar a cada página, D. Sebastião deveria trabalhar em benefício alheio, por simpatia às necessidades de outros indivíduos. A falta de altruísmo do governo manifestar-se-ia, em sua opinião, de maneira clara na passagem em que D. Sebastião "un[e] a seu peito em criminoso abraço" Zilla, filha e irmã de seus benfeitores, pois não seria esperado que um herói procedesse de maneira tão ingrata. No entender do autor da crítica, esse trecho seria igualmente condenável por seu conteúdo imoral, uma vez que a donzela já estava comprometida com o primo. O mesmo ocorreria quando o pai de Ali Ihe narra a história de sua vingança:

Já demos a conhecer o que sentimos ácerca do procedimento do rei para com a filha do seu hospede. Temos por igualmente reprehensível que o renegado conte a seu proprio filho as devassidões de sua mocidade; e parece-nos que expressões há no poema que não podem deixar de trazer á imaginação ideias menos decentes, sinão torpes [...] (Idem, p. 118).

Por fim, o último aspecto comentado pelo crítico em relação a *D. Sebastião, o encoberto* foi o estilo do autor. Ele reclamou tanto do "uso immoderado de tropos e figuras" – alegando que esse excesso acabaria por enfasiar o leitor –, quanto da repetição de palavras – consequência, a seu ver, de "falta de invenção e de pobreza de linguagem" por parte do poeta – e do emprego de vocábulos desconhecidos, não localizados no dicionário – como os verbos *piramidar*, ou *piramedear*, e *lacear* (Idem, p. 119).

Após todas essas reprimendas em relação à verossimilhança, à moralidade e ao estilo do autor, o crítico da *Revista Nacional e Estrangeira* curiosamente terminou seu artigo louvando os méritos de Lacerda, afirmando: "Não presumam comtudo nossos leitores que sómente defeitos achamos que notar no poema de D. Sebastião. Bellezas ha ahí que denunciam claramente que seu autor não só compreende (como ele diz) o que é ser vate, mas que elle o é" (Idem, *ibidem*). Não sabemos, contudo, os motivos que o levaram a apreciar a obra, já que o crítico se furtou da tarefa de explicitar que aspectos fariam do poema uma boa produção literária, encerrando seu texto com duas passagens que lhe pareceram "formosas", sem, entretanto, explicar o porquê.

## Considerações finais

A análise de “Juízo da revista de Edimburgo sobre a litteratura franceza contemporanea” e de “D. Sebastião encoberto, romance-poema, publicado em Lisboa no anno de 1839” deixou evidente alguns dos critérios empregados pela crítica literária na Inglaterra e no Brasil no século XIX. Entre eles, podemos mencionar o estilo do autor, a verossimilhança, a descrição das cenas e o decoro. Juntamente a esses critérios internos, o aspecto moral dos textos foi outra questão que mereceu destaque, pois tanto o crítico inglês quanto o brasileiro reclamaram do excesso de passagens indecentes e da falta de nobreza de algumas personagens. Sendo assim, ambos esperavam que os autores apresentassem textos bem escritos, com lógica estrutural interna, nos quais fosse possível encontrar pinturas traçadas corretamente, personagens com falas, pensamentos e ações apropriadas a suas condições (gênero sexual, condição sócio-econômica, idade e caráter), além de conteúdos capazes de influenciar positivamente o comportamento dos leitores. Diante disso, podemos concluir afirmando que a procedência da crítica literária não tinha tanta relevância no Oitocentos, uma vez que aqui e além-mar eram adotados os mesmos procedimentos metodológicos, valorizando-se obras que seguiam os princípios da retórica, cujos enredos mostravam o vício punido e a virtude premiada.

DONEGÁ, A. L. A Transnational Journal: *Revista Nacional e Estrangeira* (1839-1845), the Literature and the Criticism in Nineteenth Century. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 5, n. 2, p. 121-136, 2013.

## Referências

COOPER-RICHELT, D. Passeurs culturels. In.: *Dictionnaire d'histoire culturelle de la France contemporaine*. DELPORTE, C.; MOLLIER, J.-Y.; SIRINELLI, J.-F. (Org.). Paris: Puf, 2010. p. 605-606.

HEINEBERG, I. *La suite au prochain numéro: formation du roman-feuilleton brésilien à partir des quotidiens Jornal do commercio, Diário do Rio de Janeiro et Correio mercantil (1839-1870)*. Tese (Doutorado em Études Lusophones) – U.F.R. d'Études Ibériques et Latino-Américaines, Université de Paris III la Sorbonne Nouvelle, Paris, 2004.

HERSENT, J.-F. Passeurs culturels dans le monde des médias et de l'édition en Europe (XIXe et XXe siècles). Disponível em: <<http://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-2006-01-0128-010>>. Acesso em 21/01/2013.

LACERDA, A. A. C. de. *Dom Sebastião, o Encuberto: romance-poema*. Lisboa: Typ. de J. F. Sampaio, 1839.

RAMICELLI, M. E. O veio literário da *Revista Nacional e Estrangeira*. In: Vilela, A. L.; Esteves, E. N.; Marçalo, M. J. (Org.). *Ultrapassando Fronteiras*. Estudos de Literatura e Cultura Lusófonas. 1 ed. Évora: Centro de Estudos em Letras da Universidade de Évora, 2012, v. 5, p. 61-74.



**Revista trimensal de historia e geographia ou Jornal do Instituto historico geographico brasileiro.** Rio de Janeiro: Typ. da Ass. do Despertador. Tomo 1o. 1o. de abril de 1839.

RIOS FILHO, A. de M. de los. *O Rio de Janeiro Imperial.* 2 ed. Rio de Janeiro: Topbooks/UniverCidade Editora, 2000.

VERÍSSIMO, J. *Livro do centenário (1500-1900).* Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900.

SILVA, I. F. da. *Diccionario bibliographico portuguez: estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil.* M-P. Tomo III. Lisboa: Imprensa Nacional, 1862.

\_\_\_\_\_. *Diccionario bibliographico portuguez: estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil.* Tomo VI. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858.

SODRÉ, N. W. *História da Imprensa no Brasil.* 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

ZILBERMAN, R. Eça entre os brasileiros de ontem e hoje. In: ZILBERMAN, R. *et al. Eça e outros: diálogo com a ficção de Eça de Queirós.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

### **Periódicos consultados**

*Diario do Rio de Janeiro* (1846)

*Diario de São Paulo* (1866)

*O Publicador Paulistano* (1859)

*Revista Nacional e Estrangeira* (1839-1840)

### **Sites consultados**

<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/upload/jornais/PP18591015.pdf>

<http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/revista-nacional-estrangeira/703044>

<http://www.ihgb.org.br/ihgb23.php>

[http://www.unicamp.br/iel/memoria/base\\_temporal/Numeros/index.htm](http://www.unicamp.br/iel/memoria/base_temporal/Numeros/index.htm)